

## Semana 96 – Escatologia – 1

Texto: Apocalipse 1 a 7

Estação 50

### Apocalipse 1

Versículos 1 a 20

**1**Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos o que em breve há de acontecer. Ele enviou o seu anjo para torná-la conhecida ao seu servo João,

**2**que dá testemunho de tudo o que viu, isto é, a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo.

**3**Feliz aquele que lê as palavras desta profecia e felizes aqueles que ouvem e guardam o que nela está escrito, porque o tempo está próximo.

**4**João às sete igrejas da província da Ásia: A vocês, graça e paz da parte daquele que é, que era e que há de vir, dos sete espíritos que estão diante do seu trono

**5**e de Jesus Cristo, que é a testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos e o soberano dos reis da terra. Ele nos ama e nos libertou dos nossos pecados por meio do seu sangue,

**6**e nos constituiu reino e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai. A ele sejam glória e poder para todo o sempre! Amém.

**7**Eis que ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram; e todos os povos da terra se lamentarão por causa dele. Assim será! Amém.

**8**"Eu sou o Alfa e o Ômega", diz o Senhor Deus, "o que é, o que era e o que há de vir, o Todo-poderoso."

**9**Eu, João, irmão e companheiro de vocês no sofrimento, no Reino e na perseverança em Jesus, estava na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.

**10**No dia do Senhor achei-me no Espírito e ouvi por trás de mim uma voz forte, como de trombeta,

**11**que dizia: "Escreva num livro o que você vê e envie a estas sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia".

**12**Voltei-me para ver quem falava comigo. Voltando-me, vi sete candelabros de ouro

**13**e entre os candelabros alguém "semelhante a um filho de homem", com uma veste que chegava aos seus pés e um cinturão de ouro ao redor do peito.

**14**Sua cabeça e seus cabelos eram brancos como a lã, tão brancos quanto a neve, e seus olhos eram como chama de fogo.

**15**Seus pés eram como o bronze numa fornalha ardente e sua voz como o som de muitas águas.

**16**Tinha em sua mão direita sete estrelas, e da sua boca saía uma espada afiada de dois gumes. Sua face era como o sol quando brilha em todo o seu fulgor.

**17**Quando o vi, caí aos seus pés como morto. Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: "Não tenha medo. Eu sou o Primeiro e o Último.

**18**Sou Aquele que Vive. Estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves da morte e do Hades.

**19**"Escreva, pois, as coisas que você viu, tanto as presentes como as que acontecerão.

**20**Este é o mistério das sete estrelas que você viu em minha mão direita e dos sete candelabros: as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candelabros são as sete igrejas.

De modo geral os teólogos dividem o livro de Apocalipse em três partes distintas, conforme as três visões, igualmente distintas, que João teve, englobando:

- mensagens do Senhor Jesus para a Sua Igreja na terra;
- informações sobre o período de tribulação;
- a redenção divina na consumação dos tempos.

Neste ponto os “autores apocalípticos” normalmente falam de suas posições:

- em relação à época à qual o texto se aplica;
- ao tempo em que se dará o arrebatamento da Igreja;
- ao estabelecimento do Reino Milenar.

Um resumo dessas posições é dado a seguir.

a) Com relação à interpretação da época do texto apocalíptico:

- Visão Preterista → é aquela que admite que o livro de Apocalipse diz respeito ao tempo de João e às igrejas do 1º século, pelo que a maioria das profecias se refere a eventos ocorridos naquela época.

O Judaísmo dos dias de Jesus foi fortemente influenciado pela ânsia que o povo tinha de libertar-se do domínio romano, transferindo ao Cristianismo o mesmo tipo de influência. Sob esta ótica, muitas informações do livro, bem como a necessidade de cumprimento de suas profecias, seriam preteridas em função da ideia fixa de que a Roma imperial seria a Besta e seus sacerdotes idólatras caracterizariam o Falso Profeta. A Igreja estaria ameaçada de extinção pela perseguição de Roma, de modo que João teria escrito o livro principalmente para fortalecer a fé dos irmãos, até que Cristo voltasse para aniquilar o reino de Roma e estabelecer o Reino de Deus. Como nada disso ocorreu, os defensores do método argumentam que o livro preencheu sua finalidade de fortalecer as igrejas do primeiro século e que nunca teve a intenção de ser um livro profético;

- Visão Historicista → é a que encara o livro como uma profecia simbólica de toda a história da Igreja, desde a sua criação até a volta de Cristo. Os símbolos do livro estariam todos associados a fatos da história que ocorreram ao longo destes dois milênios. A maior parte do livro diria respeito, portanto, a fatos que se situam no passado, ficando no futuro uns poucos eventos que se relacionam com o fim da presente ordem universal. Segundo a linha mais popular desta forma de interpretação, defendida hoje, principalmente, pelos Adventistas do Sétimo Dia, a Besta seria o papado e a Igreja de Roma o falso profeta;

- Visão Futurista → é aquela que supõe que a maioria das previsões apocalípticas diz respeito a eventos futuros do final dos tempos. É a mais aceita pelos teólogos de nossos dias e entende que o propósito do livro é descrever a implementação da redenção divina através da consumação dos fatos que denotam o fim dos tempos;
- Visão Idealista → é a que interpreta o Apocalipse de forma atemporal, descrevendo o conflito eterno entre bem e mal, sem discernir pessoas ou eventos específicos. A mensagem a ser extraída é aquela que proclama a vitória final de Deus, ou seja, do bem;
- Visão Espiritualista → é similar à Idealista, mas preconiza que todos os eventos são simbólicos e aplicáveis a todos os tempos, no sentido de apresentar os grandes princípios do Governo Divino.

b) Com relação ao arrebatamento da Igreja:

- Pré-Tribulacionista → ênfase que prevê que a volta do Senhor Jesus Cristo se fará em duas etapas: uma para buscar a Sua Igreja, a realizar-se antes das tribulações apocalípticas e, outra, ao final da Grande Tribulação, quando Ele derrotará as hostes satânicas e estabelecerá o Reino Milenar;
- Arrebatamento em Duas Etapas → ênfase similar à anterior, só que aplicável apenas a crentes fiéis. Para aqueles que confessaram Jesus, mas vivem de forma mundana, é previsto que fiquem para trás para o período de aprimoramento associado à tribulação apocalíptica. Os vencedores seriam arrebatados juntamente com os convertidos desse período, quando da Vinda Gloriosa do Senhor Jesus;
- Arrebatamento no Meio da Tribulação ou Meso-Tribulacionista → ênfase no arrebatamento que se dá após o surgimento do Anticristo, mas antes que tenha início a Grande Tribulação;
- Arrebatamento Pós-Tribulacionista → prevê que a Igreja de Jesus Cristo seja arrebatada para se encontrar com Ele quando de Sua 2ª Vinda, depois de ter passado pela Grande Tribulação.

c) Com relação ao Milênio:

- Ênfase Pré-Milenista → trata-se de uma linha de interpretação que atribui sentido estritamente escatológico ao capítulo 20 de Apocalipse, que se refere, então, a um período de 1.000 anos (literais ou simbólicos) entre a volta de Cristo e a implantação final e definitiva dos Novos Céus e da Nova Terra. É uma posição que pode ser encontrada em escritos que datam do 2º século e que contou com poucos seguidores ao longo dos anos, até que Darby (1800-1882) /68/ deu a ela uma versão um pouco alterada, segundo a qual o milênio estaria associado à restauração de Israel, período no qual se daria a conversão de todos os judeus. Essa posição foi abraçada por Moody (1837-1899), que passou a difundi-la em seu instituto bíblico e, também, por Scofield (1843-1921), cuja Bíblia comentada já vendeu milhões de exemplares /69/.

Curiosamente, contudo, com o aumento dos seguidores da doutrina de Darby, aumentou, também, sensivelmente, o número dos seguidores da doutrina pré-milenista original, que interpreta o Apocalipse como sendo aplicado à Igreja e não a Israel.

Hoje em dia o pré-milenismo, nas suas duas versões, é a linha interpretativa mais comumente aceita.

- Ênfase Amilenista → não prega propriamente a inexistência do milênio, mas atribui a este um sentido simbólico representativo de um período, ao longo do qual a Igreja de nosso Senhor reinou na Terra. Entende-se que o texto referente ao aprisionamento de Satanás é uma referência às palavras de Jesus, contidas em *Mateus 12:25-32*, quando fala de amarrar o valente para poder saquear-lhe a casa. Assim sendo, o milênio teria principiado com Cristo amarrando Satanás, mas este seria solto pouco antes de Sua 2ª vinda, mais especificamente por ocasião do surgimento do Anticristo.

Essa interpretação é atribuída a Agostinho (354-430) /70/, que via também o capítulo 20 de Apocalipse como uma espécie de resumo histórico, contendo uma parte escatológica, que incluía o surgimento do Anticristo e sua derrota em Armagedom. Ela se tornou muito popular na época da Reforma Protestante, quando a Igreja Romana já estava sendo considerada como o Anticristo, pelo que se achava que o fim estava próximo. Essa doutrina ainda hoje conta com adeptos, mas não muitos;

- Ênfase Pós-Milenista → trata-se uma linha interpretativa que admite que o milênio seja, basicamente, um reinado do Cristianismo e não de Cristo. Esse reinado, não necessariamente de 1000 anos literais, dar-se-ia pelo triunfo do Evangelho de Jesus Cristo sobre as principais religiões da Terra (Islamismo, Budismo, Hinduísmo etc.), com as nações se convertendo em massa a Jesus. A volta de Cristo dar-se-ia após a vitória do Cristianismo nos termos citados acima.

A primeira formulação consistente dessa teoria foi apresentada por Daniel Whitby (1638-1726) /71/. O Anticristo seria a Igreja Romana, que seria destruída antes da volta de Cristo, O qual encontraria, então, uma Igreja mundial bíblica. O avivamento metodista do século 18 teria dado grande impulso às ideias de Whitby, de modo que grandes teólogos da época, como Matthew Henry, tê-la-iam abraçado.

Essa doutrina atingiu o seu auge de popularidade no início do século XX, quando começou a ser minada pelo materialismo, que veio junto com a era da industrialização. O avanço do Islã e outras religiões não-cristãs, aliado a um acentuado declínio dos princípios morais no mundo inteiro, indicam um cenário bem mais próximo daquele descrito pelo próprio Jesus, que se referiu a um caminho largo para a perdição, trilhado pela maioria das pessoas, e outro estreito no qual andam poucos, e que conduz à vida (*Mateus 7:13-14*). Por

volta do meio do século XX, contudo, já havia sido abandonada (/71/, pág. 130). Pode-se dizer que essa linha interpretativa tem hoje muito poucos adeptos;

É fácil ver que com cinco visões distintas para a interpretação do texto apocalíptico, quatro opções em relação ao arrebatamento e três ênfases quanto ao Milênio e considerando, ainda, as possíveis combinações destas alternativas, é absolutamente necessário limitar a abrangência do estudo que pretendemos empreender.

A esmagadora maioria dos teólogos entende que a interpretação correta está associada à Visão Futurista e se inclinam para o Pré-Milenismo no que diz respeito à Volta de Jesus Cristo, mas cabe reconhecer que os historicistas existem em número representativo, bem como aqueles que creem na possibilidade de que muitos eventos terão duplo cumprimento: um passado, ao longo da História da Igreja, e outro futuro.

No tocante ao arrebatamento, contudo, o século XX assistiu a um forte surgimento de denominações pentecostais, que são quase unanimemente pré-tribulacionistas (não poucos dos quais admitem que o arrebatamento será privilégio apenas dos membros fieis da Igreja), enquanto as denominações tradicionais são mais propensas ao pós-tribulacionismo. Seja como for, a interpretação bíblica é bem menos uniforme, sem falar da minoria que defende um arrebatamento meso-tribulacionista.

Em vista do acima exposto, a visão principal desse estudo será futurista, admitindo um retorno pré-milenar do Senhor Jesus Cristo, mas serão avaliadas as hipóteses pré, meso e pós-tribulacionistas para o arrebatamento. A ideia de um arrebatamento preliminar, apenas para crentes fieis, associa salvação a obras e não pode ser levada a sério no contexto bíblico, na opinião deste autor, pelo que não será considerada.

O estudo em apreço fará referência a profecias apocalípticas em outros livros bíblicos que não o Apocalipse, que servirão, então, de base para uma exegese mais tradicional versículo a versículo do livro de Apocalipse de João.

João inicia o livro deixando claro que se trata de uma revelação de Deus Pai, feita na figura do Senhor Jesus Cristo, usando, para tanto, o Seu anjo. A revelação em apreço versa sobre as coisas que em breve devem acontecer, que João atesta ter transcrito fielmente, sendo bem-aventurado todo aquele que as ouvir e guardar, tendo em vista a exiguidade do tempo (*Apocalipse 1:1-3*). João está escrevendo para sete igrejas e espera que esta sua carta seja lida em público (são os que ouvem), de modo que as exortações de Deus sejam para o seu benefício (bem-aventurança), na medida em que forem guardadas.

A carta de João é endereçada a sete igrejas que se encontram na Ásia, não havendo nenhum motivo especial para se supor que se trate de sete eras da Igreja, ao invés de igrejas físicas reais, conforme defendido por muitos autores (/67/, pág. 45). O fato de João não começar a divulgação de sua visão por sete

igrejas maiores e mais conhecidas está longe de ser um argumento convincente para defender a teoria de que se trata de sete igrejas representativas de tempos distintos.

João as saúda com seu desejo de graça e paz da parte dAquele que era, que é e que há de vir (o Pai), da parte dos sete espíritos que se acham diante de Seu trono (a plenitude do Espírito Santo - comparar com *Isaías 11:2*) e da parte de Jesus Cristo, apontado como a Fiel Testemunha, o Primogênito entre os mortos e o Soberano dos reis da Terra (*Apocalipse 1:4-5*). Resumindo, sua saudação às igrejas é feita em nome do Pai, do Espírito e do Filho e irrompe a seguir num louvor a Jesus, que pelo Seu próprio sangue nos constituiu como reis e sacerdotes de Deus Pai (*Apocalipse 1:5-6*).

João confirma, a seguir, o tema do livro, ao falar da vinda de Jesus, que todos hão de testemunhar, incluindo aqueles que O traspassaram (uma referência a Israel) e O rejeitaram e que agora hão de lamentar-se.

A primeira visão de João começa com ele se identificando como companheiro nas tribulações daqueles a quem escreve, visto estar ele exilado na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.

De repente ele tem um arrebatamento de sentidos, onde não fica claro se ele é transportado no tempo para o grande e terrível Dia do Senhor, ou se o Dia do Senhor ao qual se refere apenas indica que essa visão se passa num domingo. Seja como for, ele ouve uma voz potente, como que de trombetas atrás de si, mandando que ele escreva às igrejas de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. No instante em que ele se volta para ver de que se trata, depara-se com sete candeeiros e no meio deles ele vê o Cristo glorificado com sete estrelas na mão direita.

João tem reação semelhante à de Daniel e de Ezequiel, caindo sem forças ao chão, mas é igualmente levantado, sendo, então, informado de que Aquele que ele agora via, sob forma mui gloriosa, é Jesus, com Quem convivera por três anos aqui na Terra. É explicado a ele, ainda, que as sete estrelas que se achavam em Sua mão direita eram os anjos das sete igrejas, enquanto os candeeiros seriam as próprias igrejas.

Conquanto não haja qualquer dúvida em relação aos candeeiros, a parte referente aos anjos apresenta alguma dificuldade. Alguns sustentam que os anjos seriam os pastores de cada uma das igrejas. Embora não pareça haver uma explicação melhor, devemos reconhecer que a Bíblia não tem qualquer outro texto em que pastores sejam associados a anjos.

A forma como João se dirige às igrejas nos dá a entender que ele conhece pessoalmente as pessoas a quem escreve. Talvez possamos até inferir que estas sejam as sete igrejas com as quais ele trabalhava à época, mas a forma geral como ele diz sempre “quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às

igrejas”, nos mostra claramente que as mensagens são dirigidas não só àquelas igrejas, mas a quantos as ouvem.

## **Apocalipse 2**

Versículos 1 a 29

**1**"Ao anjo da igreja em Éfeso escreva: Estas são as palavras daquele que tem as sete estrelas em sua mão direita e anda entre os sete candelabros de ouro."

**2**Conheço as suas obras, o seu trabalho árduo e a sua perseverança. Sei que você não pode tolerar homens maus, que pôs à prova os que dizem ser apóstolos mas não são, e descobriu que eles eram impostores.

**3**"Você tem perseverado e suportado sofrimentos por causa do meu nome e não tem desfalecido.

**4**"Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor.

**5**Lembre-se de onde caiu! Arrependa-se e pratique as obras que praticava no princípio. Se não se arrepender, virei a você e tirarei o seu candelabro do lugar dele.

**6**Mas há uma coisa a seu favor: você odeia as práticas dos nicolaítas, como eu também as odeio.

**7**"Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei o direito de comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus.

**8**"Ao anjo da igreja em Esmirna escreva: Estas são as palavras daquele que é o Primeiro e o Último, que morreu e tornou a viver."

**9**Conheço as suas aflições e a sua pobreza; mas você é rico! Conheço a blasfêmia dos que se dizem judeus mas não são, sendo antes sinagoga de Satanás.

**10**"Não tenha medo do que você está prestes a sofrer. O Diabo lançará alguns de vocês na prisão para prová-los, e vocês sofrerão perseguição durante dez dias. Seja fiel até a morte, e eu lhe darei a coroa da vida.

**11**"Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. O vencedor de modo algum sofrerá a segunda morte.

**12**"Ao anjo da igreja em Pérgamo escreva: Estas são as palavras daquele que tem a espada afiada de dois gumes."

**13**"Sei onde você vive - onde está o trono de Satanás. Contudo, você permanece fiel ao meu nome e não renunciou à sua fé em mim, nem mesmo quando Antipas, minha fiel testemunha, foi morto nessa cidade, onde Satanás habita.

**14**"No entanto, tenho contra você algumas coisas: você tem aí pessoas que se apegam aos ensinamentos de Balaão, que ensinou Balaque a armar ciladas contra os israelitas, induzindo-os a comer alimentos sacrificados a ídolos e a praticar imoralidade sexual.

**15**De igual modo você tem também os que se apegam aos ensinamentos dos nicolaítas.

**16**Portanto, arrependa-se! Se não, virei em breve até você e lutarei contra eles com a espada da minha boca.

**17**"Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei do maná escondido. Também lhe darei uma pedra branca com um novo nome nela inscrito, conhecido apenas por aquele que o recebe.

**18**"Ao anjo da igreja em Tiatira escreva: Estas são as palavras do Filho de Deus, cujos olhos são como chama de fogo e os pés como bronze reluzente."

**19**"Conheço as suas obras, o seu amor, a sua fé, o seu serviço e a sua perseverança, e sei que você está fazendo mais agora do que no princípio.

**20**"No entanto, contra você tenho isto: você tolera Jezabel, aquela mulher que se diz profetisa. Com os seus ensinamentos, ela induz os meus servos à imoralidade sexual e a comerem alimentos sacrificados aos ídolos.

**21**Dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua imoralidade sexual, mas ela não quer se arrepender.

**22**Por isso, vou fazê-la adoecer e trarei grande sofrimento aos que cometem adultério com ela, a não ser que se arrependam das obras que ela pratica.

**23**Matarei os filhos dessa mulher. Então, todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e retribuirei a cada um de vocês de acordo com as suas obras.

**24**Aos demais que estão em Tiatira, a vocês que não seguem a doutrina dela e não aprenderam, como eles dizem, os profundos segredos de Satanás, digo: Não porei outra carga sobre vocês;

**25**tão somente apeguem-se com firmeza ao que vocês têm, até que eu venha.

**26**"Àquele que vencer e fizer a minha vontade até o fim darei autoridade sobre as nações.

**27**" 'Ele as governará com cetro de ferro e as despedaçará como a um vaso de barro.'

**28**"Eu lhe darei a mesma autoridade que recebi de meu Pai. Também lhe darei a estrela da manhã.

**29**Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.

### **Carta à Igreja em Éfeso**

Éfeso (ver figura 2 acima) era a cidade mais importante da Ásia à época, visto que através de seu porto escoava a maior parte do comércio da região. Do ponto de vista religioso pagão ela era igualmente importante, pois abrigava o famoso templo da deusa Diana (*Atos 19.35*), uma das maravilhas do mundo antigo. A comunidade cristã se desenvolvera ali, aparentemente por um trabalho iniciado por Áquila e Priscila, que tinham vindo de Corinto junto com Paulo (*Atos 18.18-19*). Graças também ao trabalho de Paulo, que depois retornou e permaneceu ali por 3 anos (*Atos 20.31*), a igreja de Éfeso se tornou a mais importante da Ásia, de onde partia a evangelização de toda a região. Esse trabalho teve continuação sob a orientação de Timóteo, enviado ali por Paulo para substituí-lo (*I Timóteo 1.3*). A tradição sustenta que João se estabeleceu ali após a morte de Paulo, de modo que esta carta estaria sendo escrita à sua própria igreja local.

A carta é dirigida ao anjo da igreja de Éfeso e vem acompanhada de uma declaração de que se trata de palavras de Jesus. Ele começa dizendo que conhece as obras, o labor e a perseverança da igreja, elogiando-a no que diz respeito à forma como põe à prova e rejeita os maus obreiros, que se chegam a ela com doutrinas heréticas. Ele a elogia, ainda, no tocante às provas a que tem resistido pelo Seu nome, sem se deixar esmorecer.



Ficamos sabendo, com base no acima exposto, que a igreja de Éfeso era madura, no que diz respeito a distorções doutrinárias que surgiam em profusão à época. Satanás sempre fez, e continua pródigo em tentar fazer, desviar os crentes da sã doutrina, mas a igreja de Éfeso, doutrinada pelo próprio apóstolo Paulo, aprendera a questionar as heresias que surgiam; dentre estas, a própria carta cita a doutrina dos nicolaítas.

Não era, portanto, por falta de conhecimento e permanência na Palavra de Deus, que a igreja de Éfeso passou a ser repreendida a seguir: “*Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor*” (*Apocalipse 2.4-5*). A igreja de Éfeso fora ensinada a amar a Deus sobre todas as coisas, mas talvez o formalismo ou o excessivo zelo doutrinário tivessem arrefecido o seu amor pelo Senhor e uns pelos outros, fazendo com que outras prioridades se impusessem ao Senhor.

Mesmo que nós sejamos doutrinariamente sadios, ainda assim Jesus pode ser obrigado a rejeitar o nosso culto (*Apocalipse 2.6*), devido à falta de amor com que o oferecemos. As obras realizadas com a melhor das intenções, mas feitas sem amor, são de nenhum proveito (*I Coríntios 13.1-3*). Deus preparou obras para que andássemos nelas (*Efésios 2.10*) e são justamente essas que devem ser realizadas em amor.

“*Quem tiver ouvidos que ouça o que o Espírito diz às igrejas! Quem der ouvidos e vencer terá direito ao alimento da árvore da vida, que se encontra no paraíso de Deus*” (*Apocalipse 2.7*). Uma exortação como esta, sempre acompanhada de uma promessa para quem a ouve, se faz presente em todas as sete cartas.

### **Carta à Igreja em Esmirna**

Esmirna era uma cidade fundada por Alexandre Magno, que ficava 55km ao norte de Éfeso (ver figura 2) e, como esta, também se tornara próspera devido ao seu comércio marítimo, a ponto de disputar com ela a hegemonia da região. É provável que a igreja local tenha sido organizada pela ação missionária da igreja de Éfeso e possivelmente durante o período em que Paulo ali estivera.

As informações que temos desta igreja, contudo, não são por causa de seus organizadores, nem pelos missionários que por ali passaram e, sim, por causa da crueldade da perseguição realizada aos cristãos daquela localidade. Somos informados num livro intitulado “O Martírio de Policarpo”, que este Policarpo, pastor da igreja local, foi morto em execução pública, devido a uma incitação das autoridades romanas pelos judeus desta cidade, por se ter recusado a negar a Jesus e prestar adoração a Cesar. Há, ainda, informações a respeito de duas mortandades, realizadas por meio de execução pública, na qual teriam perecido, respectivamente, 1.500 e 800 fiéis nesta localidade.

A esta congregação, que escolheu ser pobre, espoliada de seus bens, e que amou mais a Jesus do que a própria vida, Ele diz que conhece a sua tribulação e que eles, na verdade, são ricos (*Apocalipse 2.8-9*). Jesus, Aquele que foi morto, mas vive, os exorta a serem fiéis até a morte, para receberem, com certeza, a coroa da vida (*Apocalipse 2.10*).

O vencedor, continua Ele, não sofrerá o dano da segunda morte (*Apocalipse 2.11*). É interessante ver que aquele que nasce duas vezes morre uma, ao passo que aquele que nasce apenas uma, morre duas. O nascimento espiritual e a morte eterna de mesma natureza são eventos mutuamente exclusivos na vida do homem.

Ser crente de modo algum garante uma vida de sucesso financeiro e ausência de perseguição por amor a Cristo. O evangelho da prosperidade e do bem-estar social são uma negação da carta de Cristo à igreja de Esmirna. Ninguém é obrigado a perder a sua vida por amor de Jesus, mas somente aqueles que estão dispostos a cedê-la fazem jus à vida eterna (*João 12.25*).

### **Carta à Igreja em Pérgamo**

Pérgamo ficava 85km a norte de Esmirna (ver figura 2), sendo menos importante que as anteriores do ponto de vista comercial, apesar de ser a mais antiga das três. Pertencera ao antigo Império Persa, fora parte do Império Macedônio, tivera um período de independência como capital do Império Pérgamo, mas a essa altura já pertencia a Roma desde o ano 133aC, quando foi deixada em testamento para os romanos pelo seu último rei, Átalo III.

Embora não tivesse grande importância comercial, o mesmo não era verdade em relação à religiosidade pagã do local, visto tratar-se do centro de adoração de várias divindades. Havia, em decorrência disso, uma forte pressão sobre os cristãos para que estes fossem participantes da adoração oficial.

A carta, enviada por Aquele que tem a espada afiada de dois gumes, reconhece que, não obstante habitarem numa cidade tão iníqua (onde está o trono de Satanás), eles não haviam negado a fé, nem o nome de Jesus, mesmo em face ao martírio de um deles de nome Antipas (*Apocalipse 2.12-13*). Ele afirmou ter, contudo, contra eles, o fato de haver alguns dentre eles que apoiavam a permissividade da doutrina de Balaão. Nesse caso estaria sendo tolerada a participação no culto pagão e possivelmente nos atos sexuais promíscuos que eram praticados neste. Não está claro se a doutrina dos nicolaítas seria o nome dessa doutrina de Balaão ou se seria um outro desvio doutrinário (*Apocalipse 2.14-15*).

O problema de Pérgamo tem paralelos graves nas igrejas de nossos dias, na medida em que seus membros continuam a professar o nome de Jesus, mas vão cedendo à mundanização em seu viver diário.

Como sempre, a solução para o pecado é o arrependimento que, obviamente, pressupõe uma atitude de renúncia a ele. Para aqueles que assim procederem, está previsto comerem do maná escondido, aparentemente uma forma de dizer que continuarão a receber o necessário alimento espiritual, e receberão pedras brancas sobre as quais há um nome novo. Pedras brancas eram usadas, à época, como bilhete de entrada para eventos especiais. Se for esta a idéia, então as pedrinhas garantiriam a entrada para a festa das bodas do Cordeiro. O apelo

ao arrependimento continua tão aplicável às nossas igrejas de hoje, quanto o era à igreja de Pérgamo.

### **Carta à Igreja em Tiatira**

A cidade de Tiatira não era importante nem do ponto de vista comercial, nem religioso. A única coisa que florescia naquela localidade eram as corporações de venda de púrpura (a vendedora de púrpura, Lídia, mencionada em *Atos 16.14*, vinha desta cidade). Sua localização era cerca de 55km a sudeste de Pérgamo (ver figura 2).

A igreja de Tiatira recebeu a carta mais extensa com palavras ditas por Aquele que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido. Como nas anteriores, Ele começa elogiando os pontos positivos da igreja, quais sejam: o amor, a fé, o serviço prestado, a perseverança e o crescimento das obras realizadas (*Apocalipse 2.18-19*). Estava longe, portanto, de ser uma igreja estagnada.

Entendemos pelo texto que havia na igreja uma mulher, de nome Jezabel, que se autodenominara profetisa, e que praticava e ensinava a licenciosidade ocorrida em reuniões promovidas pelas corporações de púrpura (*Apocalipse 2.20*). Embora alguns teólogos defendam o fato de Jezabel não ser aqui uma pessoa e, sim, uma tendência doutrinária, os detalhes a seu respeito parecem qualificá-la muito bem como membro da igreja local.

Somos informados de que ela já fora advertida em outra ocasião, talvez pelo próprio apóstolo João, e que não se havia arrependido de sua prostituição, motivo pelo qual seriam afligidos ela e seus seguidores (*Apocalipse 2.21-23*).

Mais uma vez vemos o mundanismo entrando em uma das igrejas da Ásia e, de igual forma, somos alertados para o perigo de que o mesmo possa ocorrer com as igrejas de nossos dias. Nunca a liberdade sexual foi tão propalada e a nudez tão endeusada como o é em nossos dias. A nós cabe zelar para que tais conceitos não adentrem as nossas portas.

Aos demais, contudo, que não participavam das obras da profetisa, Jesus exortou tão somente que permanecessem fiéis, prometendo-lhes autoridade sobre as nações, quando da instituição do Seu reino, ocasião na qual brilharão como a estrela da manhã.

### **Apocalipse 3**

Versículos 1 a 22

**1**"Ao anjo da igreja em Sardes escreva: Estas são as palavras daquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas. Conheço as suas obras; você tem fama de estar vivo, mas está morto."

**2**Esteja atento! Fortaleça o que resta e que estava para morrer, pois não achei suas obras perfeitas aos olhos do meu Deus.

**3**"Lembre-se, portanto, do que você recebeu e ouviu; obedeça e arrependa-se. Mas, se você não estiver atento, virei como um ladrão e você não saberá a que hora virei contra você.

**4**"No entanto, você tem aí em Sardes uns poucos que não contaminaram as suas vestes. Eles andarão comigo, vestidos de branco, pois são dignos.

**5**O vencedor será igualmente vestido de branco. Jamais apagarei o seu nome do livro da vida, mas o reconhecerei diante do meu Pai e dos seus anjos.

**6**Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.

**7**"Ao anjo da igreja em Filadélfia escreva: Estas são as palavras daquele que é santo e verdadeiro, que tem a chave de Davi. O que ele abre ninguém pode fechar, e o que ele fecha ninguém pode abrir."

**8**Conheço as suas obras. Eis que coloquei diante de você uma porta aberta que ninguém pode fechar. Sei que você tem pouca força, mas guardou a minha palavra e não negou o meu nome.

**9**Veja o que farei com aqueles que são sinagoga de Satanás e que se dizem judeus e não são, mas são mentirosos. Farei que se prostrem aos seus pés e reconheçam que eu o amei.

**10**"Visto que você guardou a minha palavra de exortação à perseverança, eu também o guardarei da hora da provação que está para vir sobre todo o mundo, para pôr à prova os que habitam na terra.

**11**"Venho em breve! Retenha o que você tem, para que ninguém tome a sua coroa.

**12**Farei do vencedor uma coluna no santuário do meu Deus, e dali ele jamais sairá. Escreverei nele o nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce dos céus da parte de Deus; e também escreverei nele o meu novo nome.

**13**Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.

**14**"Ao anjo da igreja em Laodiceia, escreva: Estas são as palavras do Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o soberano da criação de Deus."

**15**Conheço as suas obras, sei que você não é frio nem quente. Melhor seria que você fosse frio ou quente!

**16**Assim, porque você é morno, não é frio nem quente, estou a ponto de vomitá-lo da minha boca.

**17**Você diz: 'Estou rico, adquiri riquezas e não preciso de nada'. Não reconhece, porém, que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego, e que está nu.

**18**"Dou este conselho: Compre de mim ouro refinado no fogo, e você se tornará rico; compre roupas brancas e vista-se para cobrir a sua vergonhosa nudez; e compre colírio para ungir os seus olhos e poder enxergar.

**19**"Repreendo e disciplino aqueles que eu amo. Por isso, seja diligente e arrependa-se.

**20**Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo.

**21**"Ao vencedor darei o direito de sentar-se comigo em meu trono, assim como eu também venci e sentei-me com meu Pai em seu trono.

**22**Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas".

### **Carta à Igreja em Sardes**

Sardes ficava cerca de 65km a sudeste de Esmirna (ver figura 2) e vivia, basicamente, do resplendor de seu passado. Ela fora a capital do reino da Lídia

e tivera, mais tarde, importância estratégica para o governo persa. Em tempos neotestamentários, contudo, tornara-se um lugar obscuro, conhecido apenas por estar na confluência de algumas estradas romanas e por ser um centro industrial de produtos de lã e tinturaria. Embora a cidade fosse sede do templo da deusa Cibele e promovesse com fervor o culto ao imperador de Roma, não consta que houvesse qualquer perseguição gentílica ou judaica à igreja cristã local.

Em meio a esse cenário de paz e sossego, Aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas não apresenta para esta igreja qualquer palavra introdutória de elogio, a exemplo do que fizera para as quatro primeiras. Ele começa dizendo que conhece suas obras e que estas, no fundo, não passam de obras de fachada. O comportamento dos membros de Sardes dá, aos de fora, a impressão que se trata de uma igreja viva, mas que no fundo pratica uma religião formal, que o próprio Senhor Jesus Cristo diz ser morta (*Apocalipse 3.1*).

Eles estavam praticando uma religião nominal, tal como faz a vasta maioria das pessoas, ligadas aos mais diversos credos, e que visa apenas aplacar a ira de Deus sobre o seu procedimento, sabidamente iníquo. Não é de admirar que a igreja não sofresse qualquer perseguição de judeus, gregos ou romanos, porque ela já estava morta. Satanás sequer precisava se preocupar com ela. Quantas igrejas, mesmo dentre as evangélicas, não são assim também nos dias de hoje? Oferecem um culto litúrgico com aparência de grande religiosidade, organizam e praticam obras de assistência social, mas para Deus, que vê o coração, tudo é morto.

A saudação do Senhor parece, contudo, estar intimamente ligada às deficiências que Ele aponta na igreja de Sardes. Ele, Aquele que detém a plenitude do Espírito (*João 3.34*) e que zela pelas igrejas, está apto para dar a vida que flui pelo Espírito de Deus e ao mesmo tempo prover para que a igreja ande nas verdadeiras obras de Deus (*Efésios 2.10*).

Sua recomendação em *Apocalipse 3.2-3* mostra que nem tudo está perdido. Há um resto, prestes a morrer, que, não obstante praticar obras, que Jesus diz não serem íntegras diante de Deus, poderia ainda ser despertado e fortalecido. Para estes bastaria que se lembrassem daquilo que haviam recebido e ouvido quando creram, reconhecer onde haviam caído e, mediante arrependimento, rejeitar o pecado em relação ao qual haviam se tornado tolerantes. O verdadeiro arrependimento é movido por um ato de fé que vem mediante o ouvir, e ouvir a Palavra de Deus (*Romanos 10.17*). Era necessário, portanto, que tomassem a Palavra que haviam ouvido e a aplicassem aos seus corações. A persistência no erro teria como contrapartida o fato de serem surpreendidos com a Sua vinda, na qual teriam destino similar ao das cinco virgens, que o Novo Testamento chama de néscias, por não estarem vigilantes quando da chegada do noivo (*Mateus 25.1-13*).

Jesus reconheceu, contudo, que havia ainda alguns crentes em Sardes que não haviam sujado as suas vestes, ou seja, a embriaguez espiritual daqueles que achavam que podiam servir a Jesus e participar da luxúria de Sardes não havia

contaminado a todos. Havia alguns cujas vestes estavam ainda brancas, por viverem uma vida santa diante de Deus.

Para os que assim se mantivessem, bem como àqueles que se arrependessem da situação em que se encontravam, Jesus prometeu a permanência de seus nomes no livro da vida e o Seu desejo de confessar seus nomes diante do Pai (*Apocalipse 3.4-5*). Ele aqui repete, assim, a promessa que havia feito a Seus discípulos (*Mateus 10.32*).

### **Carta à Igreja em Filadélfia**

Filadélfia ficava cerca de 120km a leste de Esmirna (ver figura 2). Trata-se de uma cidade pequena e pobre fundada pelo rei de Pérgamo, cujo apelido era Filadelfo. O nome da cidade significava amor fraterno e nela ficava o templo do deus Dionísio.

O texto desta carta deixa transparecer que a igreja de Filadélfia era pequena, mas a exemplo do que já ocorrera na carta a Esmirna, não vemos aqui senão elogios e palavras de incentivo, dando a entender que se tratava de uma igreja fiel.

Jesus Se identifica como Aquele que tem a chave de Davi, que abre e ninguém fecha e não pode ser aberto quando fechado (*Apocalipse 3.7*). Trata-se aqui de uma referência Àquele que herdou a autoridade do trono de Davi, o Messias davídico. Ele é o Rei dos reis. Só Ele tem as chaves da morte e do inferno (*Apocalipse 1.18*).

A seguir Ele afirma que conhece as suas obras (*Apocalipse 3.8*), que, não obstante a sua pequena força, eles haviam guardado a Sua palavra e não haviam negado o Seu Nome. Justamente pela sua fidelidade, Ele agora lhes concede uma porta aberta para que possam abençoar a outros. Trata-se, sem dúvida, de uma oportunidade de serviço, que ninguém impediria.

É muito interessante vermos que a fidelidade no Reino de Deus é recompensada com maiores oportunidades de servir. Claro! Nada alegra mais o coração do servo de Deus do que saber que se encontra no centro de Sua vontade, realizando as obras que Ele preparou para que nelas andássemos (*Efésios 2.10*).

Em *Apocalipse 3.9* Jesus novamente Se refere aos judeus da sinagoga de Satanás como falsos judeus. A inferência óbvia é a de que o verdadeiro judeu não é o da circuncisão da carne e, sim, do coração (*Romanos 2.28-29*). Assim, o verdadeiro judeu é o crente nascido do Espírito, membro de uma igreja, ironicamente de maioria gentílica. O fato de Ele prometer que eles virão prostrar-se a Seus pés é uma provável referência à conversão futura da nação judaica. Por enquanto os verdadeiros ramos haviam sido arrancados da boa oliveira e enxertados nela os gentios, oliveiras bravas (*Romanos 11.17*), mas dias virão em que os verdadeiros ramos voltarão a ser implantados (*Romanos 11.23-26*).

Em *Apocalipse 3.10* é prometido à igreja de Filadélfia que a sua perseverança seria recompensada com a proteção do Senhor no momento em que chegasse

a hora da provação. Não é verdade que a vida com Cristo seja apenas um mar de rosas. Neste mundo tereis aflições, disse Jesus (*João 16.33*), mas porque Ele está conosco, venceremos como Ele também o fez. Convém ressaltar, contudo, que os pré-tribulacionistas veem neste versículo uma das provas de que a Igreja não passará pela grande tribulação (/71/, pág. 49).

Ao vencedor é feita a promessa de vir a ser coluna no templo de Deus Pai (*Apocalipse 3.12*). Mais uma vez Ele assegura, de maneira figurada, a participação dos vencedores no reino de Deus. Nesta coluna estará o selo de posse, qual seja o nome do nosso Deus, o lugar de nossa habitação perene: a nova Jerusalém e o nome dAquele que nos resgatou.

### **Carta à Igreja em Laodicéia**

Laodicéia, cerca de 140km a leste de Éfeso (ver figura 2), ficava no entroncamento de três importantes estradas romanas, o que fez com que a cidade se tornasse um destacado centro comercial. A cidade era famosa por seus belos tecidos de lã e pelos produtos medicinais que fabricava, notadamente o pó frígio, utilizado para produzir colírio. Era uma cidade muito rica à época em que a carta de João foi escrita, tanto que, havendo sido totalmente arrasada por um terremoto cerca de 15 anos antes, fora completamente reconstruída com recursos próprios.

Embora não haja registro da passagem de Paulo por esta cidade, somos informados, em *Colossenses 4.17*, que ele escreveu uma carta aos laodicenses, que infelizmente se perdeu.

Assim como a cidade, tudo indica que os membros da igreja local também gozavam de excelente situação financeira, pelo que, materialmente falando, poder-se-ia dizer que se tratava de uma igreja rica. A exemplo do que acontecia em Sardes, não havia em Laodicéia qualquer tipo de perseguição, o que por si só já denota que ela não se constituía em ameaça ao reino de Satanás.

Jesus Se apresenta ao anjo da igreja de Laodicéia como o Amém, a testemunha fiel e verdadeira e o princípio de toda a criação de Deus (*Apocalipse 1.14*). Mais uma vez vemos que a saudação de Jesus é no sentido de mostrar a Sua suficiência para resolver o problema de torpor espiritual no qual viviam. Ele é o sim, Aquele que cumpre Suas promessas e que, tendo criado todas as coisas, não terá qualquer dificuldade para recriá-las.

Em *Apocalipse 3.15-17* Jesus diz, então, qual o problema da igreja: trata-se, a exemplo de Sardes, de sua conformação ao modo de viver do mundo. A única diferença é que Sardes tinha ainda uns poucos que não haviam sujado as suas vestes, ao passo que em Laodicéia a contaminação era total. Eles viviam numa situação que Jesus define como sendo morna, ou seja, nem quente nem fria, a qual Ele diz ser para Deus abominável, motivo pelo qual estariam prestes a ser vomitados. Sua declaração mostra bem o que Deus pensa a respeito de crentes que querem estar na igreja, vivendo, ao mesmo tempo, uma vida que pouco difere do mundo à sua volta: Ele não os tolera. Olhando para a sua situação

financeira, eles se achavam ricos, abastados e suficientes, ao passo que Jesus lhes diz serem espiritualmente pobres, necessitados e cegos.

Laodicéia é considerada, para os teólogos que associam épocas a cada uma dessas igrejas, como a igreja de nossos dias. Embora as cartas tenham sido enviadas a igrejas verdadeiras e haver pouco motivo para se crer de forma diferente disso, ainda assim, devemos reconhecer que a igreja de Laodicéia tem toda a semelhança com a vasta maioria das igrejas de nossos dias. Na medida em que os bens do mundo passam a ser encarados como a confirmação de que Deus está satisfeito com o “status” espiritual de Seus filhos, um dos corolários do chamado ‘evangelho da prosperidade’, reconhecemos ser este um mal que já assolava Laodicéia. Eles se encontravam espiritualmente cegos e impossibilitados de ver o estado de miséria espiritual ao qual haviam descido.

Não obstante a condenação iminente, Jesus ainda apela ao arrependimento e apresenta a solução do problema no versículo 18: era preciso que adquirissem dEle (sem dinheiro - *Isaías 55.1*) o verdadeiro ouro refinado para suprir a sua pobreza, vestiduras brancas para cobrir a sua nudez e o verdadeiro colírio para que pudessem voltar a ver no mundo espiritual.

*Apocalipse 3.18-19* mostra o amor e o cuidado de Jesus para com a Sua igreja, não obstante ter chegado à triste condição em que se encontrava a Laodicéia de então e se encontra a Laodicéia de nossos dias. Ele repreende e disciplina a quantos ama. Para evitar a necessidade de tal disciplina, era preciso que eles reencontrassem o zelo, como consequência de um sincero arrependimento. Ele apela continuamente na medida em que bate na porta de nossa nova consciência no Espírito Santo, esperando que a abramos para que Ele possa cear conosco, num verdadeiro relacionamento de comunhão. Ao vencedor, aquele que aceitar o convite ao arrependimento, independente do quanto tenha descido, é dado reinar com Ele, assentando-se com Ele no trono. Glória!

## **Apocalipse 4**

Versículos 1 a 11

**1**Depois dessas coisas olhei, e diante de mim estava uma porta aberta no céu. A voz que eu tinha ouvido no princípio, falando comigo como trombeta, disse: "Suba para cá, e mostrarei a você o que deve acontecer depois dessas coisas".

**2**Imediatamente me vi tomado pelo Espírito, e diante de mim estava um trono no céu e nele estava assentado alguém.

**3**Aquele que estava assentado era de aspecto semelhante a jaspe e sardônio. Um arco-íris, parecendo uma esmeralda, circundava o trono,

**4**ao redor do qual estavam outros vinte e quatro tronos, e assentados neles havia vinte e quatro anciãos. Eles estavam vestidos de branco e na cabeça tinham coroas de ouro.

**5**Do trono saíam relâmpagos, vozes e trovões. Diante dele estavam acesas sete lâmpadas de fogo, que são os sete espíritos de Deus.



**6**E diante do trono havia algo parecido com um mar de vidro, claro como cristal. No centro, ao redor do trono, havia quatro seres vivos cobertos de olhos, tanto na frente como atrás.

**7**O primeiro ser parecia um leão, o segundo parecia um boi, o terceiro tinha rosto como de homem, o quarto parecia uma águia em voo.

**8**Cada um deles tinha seis asas e era cheio de olhos, tanto ao redor como por baixo das asas. Dia e noite repetem sem cessar: "Santo, santo, santo é o Senhor, o Deus todo-poderoso, que era, que é e que há de vir".

**9**Toda vez que os seres vivos dão glória, honra e graças àquele que está assentado no trono e que vive para todo o sempre,

**10**os vinte e quatro anciãos se prostram diante daquele que está assentado no trono e adoram aquele que vive para todo o sempre. Eles lançam as suas coroas diante do trono e dizem:

**11**"Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade elas existem e foram criadas".

Dando continuidade ao texto de Apocalipse, João se limita a dizer "depois destas coisas" e passa a descrever uma nova visão, na qual não mais o Cristo vem a ele, mas é ele que se vê transportado ao céu, onde vê o trono de Deus e Ihe são mostrados a abertura de sete selos, o tocar de sete trombetas e a ocorrência de sete flagelos. Trata-se de uma visão que abrange os capítulos de 4 a 16, ou seja, a quase totalidade do livro.

O estudo do livro se torna agora muito mais figurado e as divergências de opinião e interpretação se tornam muito mais acentuadas. Lembramos que a nossa posição será a de ressaltar as principais correntes de interpretação futuristas, mas sem a preocupação de "bater o martelo" em alguma específica.

Esta nova visão de João principia com ele se dizendo convidado a subir ao céu, onde Ihe serão mostradas as coisas que hão de vir (*Apocalipse 4.1*). Imediatamente, então, ele se vê arrebatado, em espírito, para a sala do trono, na qual se acha assentado o Deus Todo-Poderoso, mas que João tem dificuldade de ver, tendo em vista o resplendor do brilho de Sua presença (*Apocalipse 4.2-3*).

Há quem veja nesse arrebatamento de João uma figura do arrebatamento da Igreja, mas, infelizmente, não há base para uma inferência dessa natureza, pelo que citamos tal paralelo aqui apenas como especulação possível. Trata-se, aparentemente, de tentar arranjar uma citação bíblica que confirme o arrebatamento antes de ter início o período de tribulação (*/72/*, pág. 284).

Ao redor do trono principal João vê, ainda, 24 outros tronos, nos quais se encontram assentados anciãos vestidos de branco e com uma coroa na cabeça, mas sua atenção se desvia imediatamente deles para relâmpagos, vozes e trovões que vêm do trono central. Ele percebe, então, ali, a presença de sete tochas de fogo, que representam a plenitude do Espírito Santo (*Apocalipse 4.4-5*). João vê, ainda, na frente do trono, um mar de vidro, como que de cristal e quatro seres cheios de olhos, com cabeças de leão, novilho, homem e águia, respectivamente, junto ao trono (*Apocalipse 4.6-8a*).

As explicações e interpretações para os anciãos, para o mar de vidro e para os quatro seres são as mais diversas. Alguns acham que os anciãos representam a plenitude dos salvos no Velho e no Novo Testamento (seriam doze pelas tribos de Israel e doze pelos apóstolos). Outros veem o número de 24 como equivalente aos vinte e quatro turnos sacerdotais preconizados por Davi para o serviço do templo (*I Crônicas 24*), pelo que seriam representativos do louvor a ser prestado pela Igreja. Vamos nos limitar aqui a identificá-los como seres celestiais, que não parecem pertencer à comunidade dos remidos, visto que em *Apocalipse 14.3* os encontramos novamente ouvindo o cântico da Igreja, que não puderam aprender.

O mar de vidro lembra aquele construído por Salomão (*I Reis 7.23-26*), cuja finalidade não é clara; portanto, de igual maneira, não cabe especular sobre o simbolismo deste. Digamos apenas que tornava mais majestosa a visão de João do trono e daquele que sobre ele se assentava.

Quanto aos quatro seres, muito se assemelham àqueles vistos pelo profeta Ezequiel em *Ezequiel 1.10 e 10.14*, sendo identificados como querubins no segundo texto. Assim, tudo indica que aqui também o sejam.

O ponto alto deste texto é, sem dúvida, o canto contínuo dos quatro seres viventes, proclamando ser Santo, Santo, Santo o Deus Todo-Poderoso que é, que era e que há de vir, ensejando os vinte e quatro anciãos a tirarem as suas coroas, colocando-as diante do trono à medida que proclamam ser Ele digno de receber a glória, a honra e o poder, por ter criado todas as coisas (*Apocalipse 4.8b-11*). Cabe ressaltar que é, no mínimo, coerente que o Deus Trino seja saudado com o adjetivo "SANTO" três vezes.

## **Apocalipse 5**

Versículos 1 a 14

**1**Então vi na mão direita daquele que está assentado no trono um livro em forma de rolo, escrito de ambos os lados e selado com sete selos.

**2**Vi um anjo poderoso, proclamando em alta voz: "Quem é digno de romper os selos e de abrir o livro?"

**3**Mas não havia ninguém, nem no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, que pudesse abrir o livro ou sequer olhar para ele.

**4**Eu chorava muito, porque não havia ninguém que fosse digno de abrir o livro e de olhar para ele.

**5**Então um dos anciãos me disse: "Não chore! Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos".

**6**Depois vi um Cordeiro, que parecia ter estado morto, em pé, no centro do trono, cercado pelos quatro seres viventes e pelos anciãos. Ele tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra.

**7**Ele se aproximou e recebeu o livro da mão direita daquele que estava assentado no trono.

**8**Ao recebê-lo, os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro. Cada um deles tinha uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos;

**9**e eles cantavam um cântico novo: "Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto e com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação.

**10**Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra".

**11**Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos,

**12**e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!"

**13**Depois ouvi todas as criaturas existentes no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, e tudo o que neles há, que diziam: "Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre!"

**14**Os quatro seres vivos disseram: "Amém", e os anciãos prostraram-se e o adoraram.

### **Preparação Para A Abertura dos Sete Selos**

Descrito o ambiente do trono e suas adjacências, a atenção de João se volta para um livro, em forma de rolo, que viu na mão direita de Deus, que estava escrito por dentro e por fora e que tinha o seu conteúdo selado por sete selos (*Apocalipse 5.1*). As perguntas que precisamos nos fazer são: que livro é este e qual o seu conteúdo? Na verdade, a carta de João não nos fala explicitamente sobre o livro e seu conteúdo, mas como João foi chamado para ouvir a respeito das coisas que deveriam acontecer, fica subentendido que o livro em questão contém a revelação de coisas que irão suceder. Curiosamente, os sete selos são abertos e não se fala mais do livro; portanto, devemos concluir, por lógica imediata, que as sete taças e os sete flagelos, narrados nos capítulos subsequentes, formam o seu conteúdo supracitado. Assim sendo, o Deus que rege a história da humanidade detém todo o poder e mantém em Sua mão direita os destinos do fim.

Quando a expectativa de João era que se começasse a abrir o livro, para que a informação nele contida pudesse se tornar pública, surgiu um imprevisto, qual seja: não ter sido achado ninguém que fosse digno de abrir os selos ou nem mesmo de olhar para dentro do livro, motivo pelo qual o apóstolo muito se entristeceu, a ponto de chorar copiosamente (*Apocalipse 5.2-4*). Obviamente a tristeza de João estava relacionado ao fato de ver retardado o cumprimento das promessas relativas ao livramento de Deus para o Seu povo, mas também reflete a atitude típica do homem, que se esquece que Deus tem uma única solução para todos os males desta vida: **a Cruz!**

Exatamente nesta situação, um dos anciãos se virou para ele e o consolou, dizendo que não chorasse, pois o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, havia vencido e estava apto para abrir o livro e os seus sete selos. Trata-se do uso de figuras ou nomes oriundos de duas profecias bíblicas distintas: uma de Jacó para o seu filho Judá (*Gênesis 49.8-12*) e outra do profeta Isaías, dissertando a

respeito do Messias (*Isaías 11.1-10*). Não haveria abertura de selos, nem tampouco haveria esperança para o destino dos homens, se não fosse pela vitória retumbante de Jesus sobre o pecado.

Neste instante João se vira para ver o Leão da tribo de Judá, mas ao invés disso o que ele vê é um Cordeiro, que trazia sobre Si os sinais de que fora traspassado e morto, no entanto estava vivo (*Apocalipse 5.6*).

Essa figura expressa bem a dualidade do Messias, motivo pelo qual Jesus havia sido rejeitado pelos judeus. Não lhes fora possível conciliar a imagem de um Messias vencedor “Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”, cujo reino seria sem fim (*Isaías 9.6-7*), com o Servo Sofredor, no qual não víamos qualquer beleza que nos agradasse e que acabaria tomando sobre Si as nossas iniquidades, sendo levado para o matadouro sem abrir a boca (*Isaías 53.2, 6-7*). Mas foi exatamente o fato de Ele Se ter humilhado, tomando a forma de homem e aceitando a maldição da cruz, o trunfo que O qualificou, tornando-O agora digno de abrir os selos. Foi na obediência e na humildade que Ele conseguiu a Sua grande vitória sobre o pecado e a morte. Como vitorioso, recebeu toda a autoridade (denotada no texto pelos sete chifres) e a onisciência (tipificada pelos sete olhos).

Na condição de qualificado, o Cordeiro Se dirige para o trono e toma o livro que se encontrava na mão direita do Pai (*Apocalipse 5.7*). Neste mesmo instante os céus irrompem em louvor e adoração, que principia pelos quatro seres que estão no trono e contagia os anciãos, visto que todos prostrados entoam um novo cântico, exaltando o Cordeiro por ter comprado com Seu sangue, para Deus, aqueles que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, permitindo que fossem constituídos reino de sacerdotes para reinarem sobre a terra (*Apocalipse 5.8-10*).

João percebe, então, uma verdadeira miríade de anjos em volta do trono, que proclama ser digno o Cordeiro que foi morto de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor. Finalmente se juntam a estes seres celestiais também aqueles que há sobre a Terra para cantar Àquele que está sobre o trono (Deus Pai) e ao Cordeiro (Deus Filho), o louvor e a honra e a glória e o domínio pelos séculos dos séculos (*Apocalipse 5.11-14*).

## **Apocalipse 6**

Versículos 1 a 17

**1**Observei quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos. Então ouvi um dos seres viventes dizer com voz de trovão: "Venha!"

**2**Olhei, e diante de mim estava um cavalo branco. Seu cavaleiro empunhava um arco, e foi-lhe dada uma coroa; ele cavalgava como vencedor determinado a vencer.

**3**Quando o Cordeiro abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizer: "Venha!"

**4**Então saiu outro cavalo; e este era vermelho. Seu cavaleiro recebeu poder para tirar a paz da terra e fazer que os homens se matassem uns aos outros. E lhe foi dada uma grande espada.

**5**Quando o Cordeiro abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizer: "Venha!" Olhei, e diante de mim estava um cavalo preto. Seu cavaleiro tinha na mão uma balança.

**6**Então ouvi o que parecia uma voz entre os quatro seres viventes, dizendo: "Um quilo de trigo por um denário e três quilos de cevada por um denário, e não danifique o azeite e o vinho!"

**7**Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizer: "Venha!"

**8**Olhei, e diante de mim estava um cavalo amarelo. Seu cavaleiro chamava-se Morte, e o Hades o seguia de perto. Foi-lhes dado poder sobre um quarto da terra para matar pela espada, pela fome, por pragas e por meio dos animais selvagens da terra.

**9**Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que haviam sido mortos por causa da palavra de Deus e do testemunho que deram.

**10**Eles clamavam em alta voz: "Até quando, ó Soberano, santo e verdadeiro, esperarás para julgar os habitantes da terra e vingar o nosso sangue?"

**11**Então cada um deles recebeu uma veste branca, e foi-lhes dito que esperassem um pouco mais, até que se completasse o número dos seus conservos e irmãos que deveriam ser mortos como eles.

**12**Observei quando ele abriu o sexto selo. Houve um grande terremoto. O sol ficou escuro como tecido de crina negra, toda a lua tornou-se vermelha como sangue,

**13**e as estrelas do céu caíram sobre a terra como figos verdes caem da figueira quando sacudidos por um vento forte.

**14**O céu se recolheu como se enrola um pergaminho, e todas as montanhas e ilhas foram removidas de seus lugares.

**15**Então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos - todos, escravos e livres, se esconderam em cavernas e entre as rochas das montanhas.

**16**Eles gritavam às montanhas e às rochas: "Caíam sobre nós e escondam-nos da face daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro!"

**17**Pois chegou o grande dia da ira deles; e quem poderá suportar?"

## **A Abertura dos Seis Primeiros Selos**

A abertura do 1º selo é acompanhada pela voz de um dos quatro seres, que diz: "Vem!", aparentemente convidando um primeiro cavaleiro com um arco, sentado sobre um cavalo branco, a dar início a suas atividades. O texto diz que lhe foi dada uma coroa e que ele saiu vencendo e para vencer (*Apocalipse 6.1-2*). A dificuldade de interpretação do significado deste cavaleiro está associada à sua cor e ao fato de não ser razoável dissociá-lo dos outros três seguintes. Veremos adiante que os outros três são facilmente relacionados a períodos de guerra (vermelho), fome (preto) e pestes (amarelo), respectivamente. O branco, contudo, é normalmente uma cor que é associada à pureza. A roupa dos santos, por exemplo, é branca (*Apocalipse 3.4-5 e 18*), os vinte e quatro anciãos também

se vestem de branco (*Apocalipse 4.4*), os que vencerem receberão uma pedra branca (*Apocalipse 2.17*) etc. Assim, a tendência de muitos autores apocalípticos é de associar o primeiro cavaleiro a Cristo ou a alguma coisa positiva no reino do espírito. Outros, contudo, insistem que, por uma questão de coerência, deve ser algo negativo; logo, a cor branca representaria o Anticristo, que se faz passar por Cristo.

A hipótese desse cavaleiro ser o Cristo, numa antevisão do mesmo cavaleiro que surge em *Apocalipse 19.11-16*, parece prejudicada pelo fato de ser o Cristo quem está abrindo os selos. Outra alternativa, bastante razoável, seria o fato deste cavaleiro representar a pregação do Evangelho em toda a terra, pois isso foi previsto por Jesus em *Mateus 24.14* como condição para que venha o fim. O arco como arma, contudo, parece dificultar um pouco esta hipótese. A possibilidade de ser alguém que se faça passar pelo Cristo (o Anticristo), preenchendo, assim, outra previsão de Jesus, fornecida em *Mateus 24.5*, parece, portanto, ser a hipótese mais atraente e, também, a mais coerente com o efeito negativo dos demais cavaleiros.

Na abertura do 2º selo vemos repetido o convite, por parte do segundo ser vivente, para que venha o segundo cavaleiro. Este cavalga, desta feita, um cavalo vermelho e tem na mão uma grande espada, com a qual deve tirar a paz da terra e fazer com que os homens se matem uns aos outros, ou seja, deve promover a guerra (*Apocalipse 6.3-4*).

Admitindo que o primeiro cavaleiro retrate o Anticristo, previsto por Jesus em *Mateus 24.4-5*, teremos na sequência o segundo alerta dEle para o período do princípio das dores, qual seja o surgimento de guerras e rumores de guerra (*Mateus 24.6-7a* com paralelos em *Marcos 13.7-8a* e *Lucas 21.9-10*). Este segundo cavaleiro preenche bem este papel.

Convém notar que à época de João não havia guerras e nem tampouco rumores delas porque o poderoso exército romano, composto de suas muitas legiões, havia imposto uma paz pela força, que se estendia por toda a região do Mediterrâneo. Com o enfraquecimento de Roma vieram as guerras, que nunca foram tantas e tão abrangentes quanto o foram no século XX. Assistimos a duas guerras mundiais e inúmeras outras menos abrangentes, com os homens se matando uns aos outros em cifras que ultrapassam a casa dos 100 milhões de mortos apenas no século XX. Não há qualquer dúvida de que a aproximação do princípio das dores é atestada através deste cavaleiro assumindo a cor vermelha, de tanto sangue que derramará.

O 3º selo trouxe consigo, ao convite do terceiro ser vivente, um cavalo preto, cujo cavaleiro tinha na mão uma balança. Vindo do meio dos quatro seres João ouviu uma voz, que dizia: “*Uma medida de trigo por um denário, três medidas de cevada por um denário e não danifiques o azeite e o vinho*” (*Apocalipse 6.5-6*).

O próximo item previsto no sermão profético de Jesus, relativo ao princípio das dores, foi a fome (*Mateus 24.7b*). Neste quadro nós vemos exatamente isso. Há um racionamento de alimento simbolizado pela balança e os preços elevados,

tornando a aquisição de alimentos instável. O denário é a medida monetária correspondente ao salário de um dia de trabalhador à época de João. Assim sendo, a escassez é retratada pela capacidade do trabalhador de comprar apenas o trigo para si mesmo, em troca de sua diária de trabalho. Para o sustento de uma família pequena seria necessário substituir o trigo pela cevada (alimento usual dos animais e dos muito pobres).

O significado exato da recomendação no sentido de que não fossem danificados o azeite e o vinho não é conhecido. Alguns acham que se trata de uma informação relativa à forma como os ricos, cujo cardápio inclui estes alimentos mais nobres, não seriam afetados. Outros dizem que mostra alguma atenuação para a missão deste cavaleiro, ou seja, uma forma de dizer que esta fome não seria de severidade excessiva. Há, ainda, os que veem aqui uma referência ao fato da Igreja ser poupada desta fome. Raciocinando com base na fome que já encontramos em alguns lugares do nosso planeta, a primeira destas três interpretações parece ser a mais adequada, visto que morrem hoje milhões de subnutrição, enquanto muitos, que possuem recursos, vivem alheios a esse fato.

O 4º selo, registrado em *Apocalipse 6.7-8*, principia com um convite semelhante, partindo, desta feita, do quarto ser vivente. João nos informa que olhou e viu um cavalo amarelo e seu cavaleiro, cujo nome era Morte. Este era seguido pelo inferno, na medida em que saiu para cumprir sua missão, qual seja matar a quarta parte dos habitantes da Terra por meio de pragas diversas.

O paralelo de Jesus, descrevendo o princípio das dores em *Lucas 21.11*, fala de grandes terremotos e epidemias, que mais uma vez caracterizam bem este personagem. Quanto ao inferno, que segue recolhendo aqueles que são vitimados pela morte, mais uma vez ficamos em dúvida quanto ao real significado da visão de João, mas o fato de ambos terem sido comissionados para matar a quarta parte dos habitantes da Terra nos leva a crer que o inferno é apenas uma maneira figurada de indicar o aspecto terminal da missão.

Esta, como as pragas referentes aos três selos anteriores, têm ocorrido desde o princípio da Era Cristã, mas todas atingiram sua intensidade máxima em nossos dias. Um exemplo interessante é o impressionante aumento no registro de terremotos ao longo dos séculos da Era Cristã. A seguinte tabela é fornecida por Malgo (/73/, pág. 27):

Século	Nº de Terremotos
12	84
13	115
14	137
15	174
16	258

17	378
18	640
19	2.119
20	> 5.000

As condições para o surgimento do Anticristo são totalmente propícias, pois a presença desses cavalheiros, que caracterizam o “Princípio das Dores”, já se faz sentir.

A abertura do 5º selo difere dos quatro anteriores, visto que não se faz acompanhar de praga alguma e, sim, de uma visão que João tem de um altar, sob o qual se encontram as almas dos que foram mortos por causa da Palavra de Deus e do testemunho que sustentavam. Estes clamavam em alta voz dizendo: “*Até quando, Soberano Senhor, Santo e Verdadeiro, não julgas e nem vingas o nosso sangue sobre os que habitam sobre a Terra*” (*Apocalipse 6.9-10*)?

Ele viu, então, que a cada um deles foi dada uma vestimenta branca e lhes foi dito que repousassem, ainda por um pouco de tempo, até que se completasse o número de seus conservos e irmãos que seriam mortos como eles o foram (*Apocalipse 6.11*).

A abertura deste selo só tem um aspecto em que todos os teólogos parecem concordar: é que o tempo de abertura do 6º selo não era ainda chegado. Fora isso, as discordâncias parecem atingir a tudo, ou seja: que altar é esse, onde fica, qual a identidade destes mártires, que pretendem com seu pedido, o que vem a ser as roupas que lhes são entregues e quem são os conservos e irmãos, cujo número ainda não foi completado?

A questão do altar parece ser relevante para alguns teólogos, porque querem estabelecer um paralelo entre o templo do céu e o de Salomão erigido aqui na Terra. Ficam discutindo se o altar em questão seria o de sacrifícios ou de incenso. No nosso caso, vamos nos limitar a lembrar que a morte de Seus santos é preciosa aos olhos de Deus (*Salmos 116.15*), de modo que o fato do martírio destes servos estar associado a um altar, serve apenas como memorial diante de Deus de que não terá sido em vão. Usando palavras de Paulo, podemos dizer que se trata, literalmente, de um sacrifício vivo, santo e “agradável” a Deus (*Romanos 12.1*).

Com relação à identidade destes santos, o texto bíblico nos informa que se trata de pessoas que “*foram mortas pela Palavra de Deus e por seu testemunho*” (*Apocalipse 6.9*), mas a partir daí eles são diferenciados de acordo com a interpretação que se dá ao arrebatamento. Para os pré e meso-tribulacionistas são pessoas que se converteram após o arrebatamento da Igreja e que a essa altura foram punidas com morte por não se submeterem aos ditames do Anticristo. Para os pós-tribulacionistas o motivo de sua morte é o mesmo, mas



se trata de crentes da Igreja, ainda não arrebatada, e que estão passando pela grande tribulação.

O teor de sua pergunta está associada àquela que todos os crentes fazemos quando paramos para observar a iniquidade crescente à nossa volta: “Até quando, Senhor, teremos que esperar para que seja implantado o reino de justiça pelo qual ansiamos?”. Já vimos, anteriormente, que a impaciência destes irmãos pode estar associada, ainda, ao fato de estarem sem os seus corpos glorificados, que, segundo Paulo, serão recebidos no dia da volta de Jesus Cristo (*I Coríntios 15.42-45* e *I Tessalonicenses 4.16*). Esta hipótese é corroborada pelo fato de receberem roupas brancas como sinal de aprovação do Senhor, para que se vistam enquanto não se completa o número daqueles que ainda hão de sofrer perseguições, a exemplo das que eles haviam sofrido.

O 6º selo é também diferente dos anteriores porque parece descrever o dia do Senhor, que João viu principiar com um grande terremoto seguido de modificações marcantes na natureza. Sua descrição narra o escurecer do sol e a lua se tornando vermelha como o sangue. Ao mesmo tempo ele disse ter visto as estrelas caindo do firmamento como os figos verdes sendo lançados de uma figueira em meio a um vento forte. Culminando todos esses eventos, ele viu os céus se enrolando como se enrola um pergaminho (*Apocalipse 6.12-14*).

Toda esta descrição é reproduzida fielmente na narrativa de Jesus (*Mateus 24.29-31*), mas que não se encontra mais no princípio das dores (*Mateus 24.3-14*) e, sim, ao final da grande tribulação (*Mateus 24.15-28*). Isso nos joga numa tremenda confusão, porque vínhamos abrindo os selos referindo-os, passo a passo, aos eventos descritos no princípio das dores e, de repente, saltamos a grande tribulação sem passar por ela e, pior, sequer abrimos todos os selos.

Tudo parece indicar que o abrir do 6º selo já concede uma pequena visão daquilo que se encontra no final do pergaminho. João olha, narra e depois volta atrás nos preparando para a abertura do 7º selo, ocasião na qual poderão abrir o livro e ver, com detalhes, o seu interior.

Talvez o que João viu tenha sido, inclusive, bem diferente do evento pelo qual ele tanto ansiava. Ao invés de grande alegria, cercado o maior evento da história, João contemplou um quadro de desespero para a grande maioria das pessoas cuja grande preocupação, a essa altura, era se esconder da ira do Cordeiro (*Apocalipse 6.15-17*).

## **Apocalipse 7**

Versículos 1 a 17

1Depois disso vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos, para impedir que qualquer vento soprasse na terra, no mar ou em qualquer árvore.

2Então vi outro anjo subindo do Oriente, tendo o selo do Deus vivo. Ele bradou em alta voz aos quatro anjos a quem havia sido dado poder para danificar a terra e o mar:

3"Não danifiquem nem a terra, nem o mar, nem as árvores até que selemos as testas dos servos do nosso Deus".

4Então ouvi o número dos que foram selados: cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos de Israel.

5Da tribo de Judá foram selados doze mil; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil;

6da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil;

7da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil;

8da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim, doze mil.

9Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé, diante do trono e do Cordeiro, com vestes brancas e segurando palmas.

10E clamavam em alta voz: "A salvação pertence ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro".

11Todos os anjos estavam em pé ao redor do trono, dos anciãos e dos quatro seres viventes. Eles se prostraram com o rosto em terra diante do trono e adoraram a Deus,

12dizendo: "Amém! Louvor e glória, sabedoria, ação de graças, honra, poder e força sejam ao nosso Deus para todo o sempre. Amém!"

13Então um dos anciãos me perguntou: "Quem são estes que estão vestidos de branco e de onde vieram?"

14Respondi: Senhor, tu o sabes. E ele disse: "Estes são os que vieram da grande tribulação, que lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro.

15Por isso, eles estão diante do trono de Deus e o servem dia e noite em seu santuário; e aquele que está assentado no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo.

16Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede. Não os afligirá o sol nem qualquer calor abrasador,

17pois o Cordeiro que está no centro do trono será o seu Pastor; ele os guiará às fontes de água viva. E Deus enxugará dos seus olhos toda lágrima".

## **Preparando Para A Abertura do Sétimo Selo**

João aqui retoma a sequência anterior e passa a falar do que se dará com o povo de Deus durante o período de tribulação, que será abordado por ocasião da abertura do 7º selo. Ao fazê-lo ele contempla duas comunidades distintas: uma com um número contado de servos e outra com uma quantidade incontável de pessoas. A visão do primeiro grupo começa com quatro anjos, um em cada canto da Terra, prontos a dar início à grande tribulação, quando um quinto anjo, tendo nas mãos o selo de Deus, instrui os demais no sentido de não começarem sua tarefa até que fossem marcados em suas frentes os servos de Deus. O

número destes servos seria de 144.000, sendo 12.000 de cada uma das doze tribos de Israel (*Apocalipse 7.1-8*).

Embora a visão do segundo grupo seja narrada logo a seguir, o texto dá a entender que os componentes deste grupo seriam vítimas dentre o povo de Deus, abatidas durante a grande tribulação. Essa seria uma interpretação pós-tribulacionista. Para os pré e meso-tribulacionistas, a Igreja já teria sido arrebatada e estes seriam os convertidos durante o período de tribulação. Trata-se de uma multidão de pessoas vestidas de branco, talvez as mesmas que estavam sob o altar, que um dos anciãos descreveu como “os que vêm da grande tribulação e tiveram suas vestiduras lavadas e alvejadas no sangue do Cordeiro”. Deles se diz que nunca terão fome ou sede e que Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima, ou seja, serão largamente recompensados pelo que tiveram que passar (*Apocalipse 7.9-17*).

Aparentemente o primeiro grupo diria respeito à comunidade convertida de Israel, tal como preconizado por Paulo em *Romanos 9-11*, enquanto o segundo falaria de crentes da Igreja Gentílica. É no mínimo curioso que João liste as doze tribos de Israel de uma forma diferente de qualquer outra lista apresentada na Bíblia. A tribo de Dã foi excluída de todo e a de Efraim é considerada apenas indiretamente, visto que José foi listado, mas segundo esta mesma lógica Manassés, que aparece na lista, foi considerado duas vezes.

O número 144.000 nos fornece uma idéia de totalidade e não de limite máximo de vagas. O fato de ter sido usado por várias seitas, que se consideram os verdadeiros detentores da sã doutrina, como uma referência a si mesmos, só denota o quão tola a vaidade humana pode se tornar. Cabe ressaltar, contudo, que os 144.000 seriam, não todo o Israel, mas apenas os que vão reconhecer Jesus como Messias. De acordo com *Zacarias 13.8* isso talvez seja apenas 1/3 dos israelitas. Alguns escritores apocalípticos defendem que os 144.000 de Israel, em número real, são pessoas comissionadas para pregar o evangelho após o arrebatamento da Igreja (*/67/, pág. 257*). Desta forma o segundo grupo de pessoas, sem número, que João viu diante do trono, seriam gentios martirizados que atenderam ao apelo de sua pregação.

Com base no acima exposto, o capítulo 7, como um todo, teria a intenção de mostrar que o povo de Deus, tanto o remanescente dos filhos de Israel como a Igreja de Jesus Cristo, que recebeu também promessas de proteção, não passará pela grande tribulação desassistido pelo Pai. Seriam marcados para que não sofressem os efeitos das pragas derramadas sobre os rebeldes, a exemplo do que já ocorrera com os filhos de Israel no Egito, mas não estariam imunes às investidas do Anticristo. É importante dizer que o fato da Igreja de Jesus Cristo passar pela grande tribulação é totalmente coerente com o discurso de Jesus sobre o sofrimento de Seu povo naquela ocasião (*Mateus 24.21-22*), quer seja a Igreja toda (pós-tribulacionismo), quer sejam apenas os convertidos posteriormente (pré e meso-tribulacionismo).